

## **EXCLUSIVO: OPERAÇÕES NO MERCADO DE CAPITAIS DEPENDEM DE AJUSTES ECONÔMICOS PARA VOLTA DE FLUXOS**

*Retransmitimos nota publicada ontem às 17h37*  
São Paulo, 24/08/2016 - A fila de operações que soma bilhões e começa a se formar no mercado de capitais de ações e dívida dependerá não só do otimismo que se desenha frente a uma tênue melhora dos indicadores econômicos, mas da concretização dos ajustes com os quais o provável novo governo se comprometeu.

Essas ofertas domésticas precisariam contar com a volta de investidores locais de peso, como os institucionais e as assets, e terem a seu favor a conversão do fluxo de capital estrangeiro em um movimento predominantemente ativo, o que ainda não ocorreu. Com a questão do impeachment próxima de sair de cena, a tendência de mercado agora está nas mãos do governo do ainda presidente em exercício Michel Temer em mostrar medidas de ajustes para conseguir, de fato, trazer o fluxo de recursos de volta ao País.

O Brasil vem sendo beneficiado nas últimas semanas com um fluxo de capital dirigido aos países emergentes, diante de maior liquidez no mundo e pela maior busca por melhores retornos, diante de um cenário em que muitos países estão praticando juro negativo. Até aqui, no entanto, os estrangeiros não escolheram especificamente o Brasil.

"Yield alto com liquidez elevada é uma combinação poderosa", disse nesta semana o diretor-executivo de Corporate e de Banco de Investimento do Itaú BBA, Christian Egan. O diretor do Itaú BBA Corretora, Carlos Constantini, acrescentou que, até o momento, o investidor alocou de modo passivo. "Tem muito por vir do investidor ativo e nossa premissa é de que a agenda deve ser positiva no que diz respeito a reformas e desempenho da economia", destacou.

Na prática, o que os profissionais do mercado acreditam é que apenas um movimento passivo dos estrangeiros pode não ser suficiente para sustentar um pipeline bilionário de operações de empresas brasileiras que vem sendo estimado.

**Governo** **sob** **pressão**

"Após a concretização do impeachment, cresce muito a pressão sobre o governo, que deixará de ser interino. Já houve um período de observação e agora o foco está em ver qual a disposição das lideranças em assumir compromissos fiscais", afirma a economista da gestora Claritas, Marcela Rocha. Mesmo com a ampla

liquidez global, o Brasil precisará ser convincente em suas reformas para ter sucesso na atração de recursos que farão diferença na colocação de títulos de dívida e de ações das companhias brasileiras a mercado.

Para Héctor Gomez Ang, gerente geral para o Brasil do IFC, braço do Banco Mundial de investimento no setor privado, o que mudou até agora foram os indicadores de confiança. "Do ponto de vista econômico, estamos perto do fundo do poço, o qual é muito profundo e frágil", disse. Ele explica que dada a magnitude da recessão, o País levará algum tempo para se recuperar e esse processo está fragilizados pelo cenário político. Portanto, para ele, 2017 deve ser o ano do início da retomada.

"O mercado está trabalhando muito a partir de expectativas e existe certa euforia", diz Rubens Machado, responsável pela mesa de crédito privado da XP Investimentos. Ele considera que, após a conclusão do processo de impeachment, a discussão fiscal volta a tona e não deve ser resolvida até o final do ano. "Tem volume represado de empresas que vem lendo o mercado desde o começo do ano, mas o boom mesmo deve vir no começo e meio de 2017", prevê Machado.

"A melhora de perspectiva em termos de volume é para 2017", diz a superintendente executiva do mercado de capitais de dívida do Santander, Cristina Schulman. Segundo ela, até o final do ano, o mercado de dívida local deve continuar centrado em produtos isentos, onde as taxas são mais competitivas, bem como nos prazos curtos.

## **Sinais**

## **positivos**

Por enquanto, o reflexo desse interesse indireto em Brasil é a reabertura do mercado de títulos de dívida externa para as companhias brasileiras, ao passo que as emissões domésticas ainda estão mornas. Em renda variável, o mercado já se movimentou com algumas ofertas subseqüentes (follow ons), que puderam se beneficiar de investidores estrangeiros reajustando suas posições, teoricamente subdimensionadas.

As emissões de valores mobiliários das companhias brasileiras no mercado doméstico de renda fixa em julho somaram R\$ 7,574 bilhões, o que representou um aumento de 120% em relação ao observado um ano antes, de acordo com dados divulgados pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). (Cynthia Decloedt e Fernanda Guimarães - [fernanda.guimaraes@estadao.com](mailto:fernanda.guimaraes@estadao.com) e [cynthia.dedloedt@estadao.com](mailto:cynthia.dedloedt@estadao.com))